

APROVÍNCIA

Semanário

Informação « Cultura » Recreio

Exmo. Sr.
 Manuel Giraldes da Silva
 Rio Frio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050467
MONTIJO
 COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 030256 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PIN

A economia moderna e o exemplo de Sagres

HÁ coincidências curiosas e interessantes que não devem deixar passar-se em vão. É o caso das comemorações henriquinas em 1960, em que acima de tudo «o génio dos portugueses dos Descobrimientos que nos deram, em pleno século XV, lugar imperecível na História da Civilização, iniciando a na-

João I, «passada em 16 de Janeiro de 1404, a favor do mercador genovês João da Palma, contando uns terrenos no Morgado de Quarteira para a cultura da cana do açúcar», e logo pensou em transplantar essa rica cultura para as terras descobertas — Açores e Madeira.

O açúcar era ao tempo verdadeira espcaria. Sabe-se, entretanto, que em 5 de Dezembro de 1452 o Infante D. Henrique permitia a Diogo de Teive a exploração do fabrico de açúcar na Madeira. Outra documentação apontada pelo Dr. Alberto Iria no seu importante trabalho «O Algarve e os Descobrimientos», confirma «que partiu do Algarve onde o Infante D. Henrique viveu até 1460 e onde faleceu, a ideia da exploração económica das terras que se descobriram. E a cultura da cana de açúcar foi das que lhe mereceu maior atenção, o que revela uma visão do futuro, de carácter excepcional».

Não nos importam, agora, as vicissitudes por que passou a cultura da matéria prima do açúcar na Metrópole.

Sabemos que as condições agronómicas e técnicas da produção do açúcar variaram muito nos últimos séculos e que a própria concepção geopolítica tem evoluído vertiginosamente nos últimos 100 anos. Em nosso entender, uma das formas de honrar a memória nobilíssima do Infante D. Henrique, no ano em que passa o aniversário da sua morte, seria precisamente a inauguração de uma fábrica de sacarose em moldes modernos, segundo

(Continua na página 5)

Por
Armando Beaventura

vegação científica no Atlântico, fixando-se nos arquipélagos dos Açores e da Madeira e na Guiné e descobrindo, em todas as direcções o Oceano Atlântico» deve ser celebrado e salientado perante o Mundo e perante nós próprios.

Para além do seu significado histórico e científico, encerram estas comemorações um alcance que do ponto de vista económico e social não convém perder.

O génio do Infante foi quanto a nós tão espiritualista como realista. Quer dizer, a par do acrisolado empenho de fazer cristandade fol intenção do Infante dilatar o Império, limitado pelo mar Atlântico e pelos reinos ibéricos.

Ao tempo eram as grandes vedetas do interesse — como hoje é o petróleo — as especiarias e mercadorias do Oriente, pedrarias e produtos raros. O açúcar era também muito cobiçado.

O Infante, que viveu durante largos, anos na costa do Algarve, familiarizou-se ali com a cultura da cana do açúcar autorizada por Carta de Privilégio de seu Pai, D.

MOSAICOS

Por ANTÓNIO GARCEZ DA SILVA

A Playa de Levante...

** O Mediterrâneo, calmo e doce, nesta manhã de sol, dá-me a impressão, duma enorme planície azul, deserta e adormecida, sob a cúpula azul do céu... Apenas se desdobram suavíssimas franjas de espuma sobre a vastidão dourada dos areais. E as águas do mar, plissadas de ligeiras ondas, entendem-se longas e lânguidas, até aos confins do horizonte...

Sem o arfar tímido das marés, sem falésias, nem rochedos a boiarem na convulsão das ondas, a Grandeza do Mar não é possível senti-la perante o Mediterrâneo. O Atlântico — mundo imenso das nossas visões fantásticas e trágicas — o Mar de Sagres ou o Mar das Tormentas; — o oceano dos golfões tempestuosos, a devastar caravelas, a naufragar galeões nos seus arcanos; — esse Mar de «Os Lusíadas», amoroso e traidor, fecundo e devorante, que domina o sentimento poético da nossa Raça — é um mar doutra estirpe... Nele não é possível conceber o doce cachoar destas ondas em brinquedo...

** Ninguém hoje seria capaz de trocar, para uso cómodo do dia-a-dia, qualquer vaso de plástico inquebrável pelos preciosos cristais de Murano. Poucos trocariam também o seu vestuário de «nylon» pelos tecidos de Da-

masco, os brocados orientais. E ninguém, ao provar certa bebida comprada ali, na locanda da esquina, será capaz de evocar os nectares inebriantes das vinhas de Falerno, bebidas nos grandes festins romanos por crateras de ouro, finamente moldadas...

Todavia, não por reacção preciosa contra a evolução dos costumes e as aquisições práticas do homem, mas por imperativos de cultura e exigências da própria sensibilidade, nada deverá impedir que saibamos entender o interesse histórico e admirar o valor artístico das coisas...; — nada deverá obstar a que saibamos, como homens deste século, sopesar e escolher num bom «Magasin», o mais útil objecto de plástico ou o mais delicado tecido de «nylon», mas que ao mesmo tempo sintamos o impulso de admirar, num Museu, uma pedra toscamente afeiçoada pelo homem das eras mais remotas, ou um pedaço de osso reticulado, onde ele já soubera traduzir as suas emoções estéticas, num ritmo singelo, comovedor.

** O areal é soturno, como um lago sem lua; o horizonte desolado, como se a vida morresse.

— Onde está a minha vida? Onde estou eu? — gritei

E uma voz dentro de mim, que não ouvi, mas senti, respondeu.

Então, meus ossos senti-os calcinar. Quis ter a alma das rochas e ser tempestuoso e grande, agitado qual o mar. Quis ser o braço das vagas, que vai de um a outro continente... E quis ser o rochedo forte, que nem o mar, nem o vento o abala, e os seus píncaros, rompendo o céu, gritam vontades de mais alto — mais alto ainda mais!

Já não podia suportar, agora, a comprida demência do deserto. O caminho era vencer o delíquio das lonjuras. Era a força do meu peito quebrando amarras, e rasgar caminhos novos a torrente raivosa dos meus passos!

Não mais a comprida demência do deserto...

Agora, arroteio a terra e lanço-lhe a semente do meu pão.

Dobro o dorso e planto as árvores à beira dos caminhos

E quando estendo os braços a terra dá-me o pão que semei... E quando o sol me abrasa — procuro a sombra das árvores que plantei...

** Um jornal de Espanha noticiou, há tempo, que
 (Continua na página 5)

Imagens de Alhos Vedros



Uma perspectiva lateral do edifício da veneranda Santa Casa da Misericórdia, na qual se está exercendo uma obra meritória de assistência hospitalar e de protecção à velhice.

LEGENDAS DE PORTUGAL (XII)

DOM NUNO ÁLVARES PEREIRA

Referir-nos-emos a dois belos monumentos portugueses, de carácter muito diferente, mas ambos ligados à vida duma grande figura da nossa história: Nuno Álvares Pereira.

Esses monumentos são o Castelo de Ourém e o Convento do Carmo.

O primeiro que se ergue no alto do monte onde domina a veneranda Ourém-Velha, está intimamente ligado à vida de solado e de primeira figura da nobreza de Portugal, de Nuno Álvares — vencedor de Aljubarrota — que, por mercê de El-Rei D. João I, foi Conde de Ourém.

E o Convento do Carmo, esse lembra-nos Frei Nuno de Santa Maria, — Nuno Álvares, desprezando as glórias do mundo e vestido com a pobre roupa de frade — dando-se todo ao amor de Deus, depois de tudo ter feito pela Pátria...

Este Convento foi mandado construir, em Lisboa, pelo próprio D. Nuno Álvares Pereira, para a Ordem do Carmo, sob a invocação da Virgem — a grande devoção da sua vida.

Nele professou, nele viveu, numa vida de completa humildade e pobreza, e nele entregou a alma pura ao Senhor, chorado por todos, esse português maior da nossa história — salvador da Pátria e Santo entre os filhos de Deus...

Por sobre as pedras requeimadas daquelas fortes muralhas e famosas torres, donde o olhar se estende pelo coração da terra portuguesa, paira ainda o sopro heróico dos tempos do Condestabre, quando a independência de Portugal se ganhou a golpes de Fé e de valentia...

(Transcrito com a devida vénia, de «A Campanha»)

GRATIDÃO

A' Jovem poetisa admiradora dos meus versos, Teresa Helena Pereira Pascoal, esta simples quadra, com o meu profundo reconhecimento pelos versos que no meu Outono da Vida pude inspirar a tão florescente Primavera.

«Artífice do amor rimado»... Não!...
 Poeta sim, mas do amor sentido!...
 Eu nunca senti na vida por ficção,
 Mas por amor, mulher, tenho vivido!...

Rio Frio, 17 de Outubro de 1958

Manuel Giraldes da Silva

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º
Telef. 030256 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 030 256 — MONTIJO

Dr.ª Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ª e 6.ª feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — pri-
meiros e terceiros sábados de cada
mês, pelas 12 horas, no consultório
do Ex.º Sr. Dr. Ferreira da Trin-
dade — Rua Bulhão Pato, 42
— Telef. 030 131 - MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista
Doenças dos olhos
Consultas às 5.ªs feiras,
pelas 14 horas
Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º
MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça
Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef.º 030 502 - 030 465 - 030 012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques — N.º 231
Telef. 030 556
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 030 038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 046
Serviços Médico Sociais, 030 198
Bombeiros, 030 048
Taxis, 030 025 e 030 479
Ponte dos Vapores, 030 425
Polícia, 030 144

Telefone 030 378

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71
(à Praça 1.º de Maio)
MONTIJO

MONTIJO

A ELEIÇÃO DOS PAPAS

Da disciplina à actual legislação

Notas coligidas pelo Prof. José Manuel Landeiro

À hora que iniciamos a escrita destas notas sobre o ritual da eleição dos Pontífices romanos, estão já reunidos em conclave os Cardeais do Sacro Colégio, para a eleição do sucessor de Pio XII.

Já por ocasião da eleição deste pontífice, nos referimos a este mesmo assunto de tão interesse mundial, que a imprensa e a rádio espalharam pelo mundo.

Passados 19 anos, à imprensa e à rádio, juntou-se a televisão. Da disciplina para a realização do conclave, Pio XII introduziu algumas formas e regulamentou outras a que os jornais se têm referido.

Dispensamo-nos por isso de a elas nos referirmos.

A eleição dos Pontífices

É um dos capítulos da legislação da Igreja em que mais se evidencia a prudência dela, a que respeita à eleição do Papa.

Passou por fases diversas até à legislação actual; como determinantes principais dessa longa evolução podem assinalar-se duas: a primeira tendente a assegurar cada vez maior respeito do povo cristão para com aqueles que iam fazer a eleição; a segunda aspirando a afastar o mais possível, dentro das contingências naturais, o elemento humano.

Pode afirmar-se que a legislação eclesiástica da eleição dos Sumos Pontífices

marca nitidamente a luta vitoriosa da Igreja contra os assaltos dos homens.

No longo caminho percorrido, dois sistemas fundamentais marcam as linhas gerais da eleição: eleição feita pelo clero e pelo povo cristão, e eleição reservada aos Cardiais; e dentro desta segunda modalidade, eleição realizada só pelos Cardiais-Bispos e por todos os Cardiais criados, desde que publicados, inclusive os fulminados por ex-comunhão, suspensão ou interdito, a menos que não tenham ainda recebido o diaconato ou que tenham resignado ou, tenham sido depostos canonicamente.

Não tem hoje senão interesse meramente histórico a eleição do Papa pelo Clero e povo. Esta ficou como demonstração das peripécias múltiplas da vida disciplinar da Igreja, que, no exacto dizer do Professor Willien, do Instituto Católico de Paris, «não apareceu no mundo brandindo na mão um exemplar da sua Constituição; ela viveu antes de legislar».

Do seu Fundador, não recebeu uma legislação feita; recebeu o poder supremo, irrefragável de a organizar. Jesus Cristo deu-lhe apenas vida, as primeiras impulsões da vida e a promessa de que lhe assistiria até à consumação dos Tempos.

A eleição do Papa, reservada aos Cardiais-Bispos, foi regulamentada por Ni-

colau II em 1060, pela Bula «In nomine Domini».

Só aqueles Cardiais tomavam parte na escolha do Pontífice: os restantes eram convidados a dar-lhe depois o seu assentimento, confirmado a seguir por todo o Clero e o povo fiel.

Foi a Constituição «Ubi periculum», de Gregório X, que estendeu o privilégio da eleição Papal a todos os Cardiais presentes no lugar da morte do Pontífice no décimo dia posterior a ela.

Gregório XV estabeleceu mais concretas normas para o Conclave, às quais se acrescentaram disposições complementares de Pio VI, Pio VII e Pio XI. Vem a seguir, a Constituição de Leão XIII «Praedecessores nostri», com a sua «Instructio» em 32 artigos sobre o que o Sacro Colégio devia observar durante o período da vacatura da Santa Sé. Todos estes citados documentos nos conduzem assim à

Disciplina e forma actuais da eleição do Papa

Estas são hoje em dia reguladas pela Constituição «Vacante sede apostólica» de Pio X, publicada em 1909 na «Acta Pii decimi».

Compõe-se de dois títulos: I — De sede apostólica vacante. II — De electione Romani Pontificis; mantém, umas na íntegra, outras só em parte, as disposições da Constituição de Leão XIII e estabelece outras novas.

Destas a principal é a revogação em absoluto do direito de veto de que gozavam alguns representantes do poder temporal e cuja última utilização foi feita pelo Imperador da Áustria, Francisco José, à eleição do Cardinal Rampolla del Tindaro, no Conclave que elegeu Pio X. Não se repetirá mais essa intromissão do poder civil.

(Continua no próx. número)

O V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor

Dentre as instituições portuguesas de maior tradição destacam-se, sem dúvida, as Santas Casas da Misericórdia, obra de caridade, fundada em 15 de Agosto de 1498 pela Rainha D. Leonor.

Senhora dotada dos mais nobres e carinhosos sentimentos, a viúva de el-rei D. João II tudo fez para criar e engrandecer a Irmandade beneficente que cava ainda hoje no coração dos portugueses a mais profunda gratidão. Pedeu, insinuou, acumulou as esmolas e bênçãos dos grandes e dos pequenos, e até privilégios e isenções dos Sumos Pontífices. Mas a sua actividade não se limitava a essas obras meramente corporais; sabia que a parte mais nobre e mais alta do ser humano também padecer as suas fomes, as suas sedes, as suas dores, os seus desamparos, as suas nudezas, os seus cativerios, e como o sabia, a Irmandade consagrava a esses outros deveres espirituais os cuidados mais carinhosos.

Pelas prédicas, espalhava o bom conselho e a doutrina sã; pelas escolas do seu recolhimento de órfãos, ensinava a ignorância; pelas visitas aos hospitais e às cadeias, condimentava o pão negro do encarcerado; pela sua devota companhia aos condenados, consolava as tristezas congénitas do ser humano; pelas suaves penalidades que o regulamento impunha aos contraventores dos deveres estatuidos, castigava os erros, filhos da nossa fraqueza moral; promovia pazes e conciliações entre quaisquer pessoas que se soubesse andarem desavinadas, e induzia-as a perdoar injúrias em nome da caridade cristã; sofria com paciência os desmandos alheios, e, enfim, executava em vida, os deveres fraternais para com as almas, que em sufrágio de todo o género continuava depois da morte.

Deve avaliar-se, pois, quão grata é ao coração dos portugueses a realização, este ano, das comemorações do V Centenário da Rainha D. Leonor, iniciativa louvável para a qual já se encontra constituída a respectiva Comissão Nacional, a que preside o Sr. Dr. Melo e Castro, Provedor da Misericórdia de Lisboa.

Pela mesma ocasião realizar-se-á o Congresso das Misericórdias, cujo interesse despertado em todo o País e no Brasil bem atesta a grandeza de que se revestirão todas as cerimónias a efectuar.

Já foi elaborado o programa das comemorações, que é o seguinte:
Dia 3 de Dezembro — Nos Jerónimos, bênção solene pelo Senhor Cardeal Patriarca, na presença dos congressistas portugueses e brasileiros do Congresso das Misericórdias, da nova bandeira de Misericórdia que vai ser oferecida à de Goa e sessão solene de abertura do Congresso das Misericórdias.

Dia 4 de Dezembro — Sessão dos trabalhos do Congresso e visita dos congressistas às Caldas da Rainha.

Dia 5 de Dezembro — Sessões e Sarau Vicentino pelo Teatro dos

(Continua na página 5)

António Garcez da Silva

retoma a sua brilhante colaboração em «A PROVÍNCIA»

Honra-nos sobremaneira a partir de hoje com os primeiros da sua fulgurante colaboração mais assídua o ilustre prosador e valioso publicista, nosso amigo sr. António Garcez da Silva, nativo da vicejante e risonha vila de Alenquer, à qual por sentimentos afectivos o seu coração continua ligado — e desde há anos, residindo e preso por activa vida espiritual à notável Vila Franca de Xira, ambas pertencentes à província do Ribatejo...

António Garcez da Silva, cuja alma de encanto artístico se intrega com esplendor nos seus escritos, dando-lhe as finas tonalidades da sua brilhante paleta, volta hoje ao nosso convívio com os seus «Mosaicos», o que é garantia absoluta de valorização para «A Província».

Por esta circunstância cumpre-nos saudar esse presti-

moso cultor das letras e das artes, e parafraseando palavras suas de há quatro anos, dizer também que, «a arte não reside na reprodução hábil e absolutamente fiel dum objecto ou duma paisagem — mas sim na expressão pessoal que o artista, transpondo-os para a sua tela, lhes souber transmitir, como fruto da sua própria visão estética do mundo que o rodeia. Não importa que os reproduza mais ou menos de acordo com a realidade. O que importa é que, na obra realizada, palpitem a ARTE — esse «quid» misterioso, vibrátil ao nosso espírito, que nos encanta e nos comove...», e render-lhe as nossas homenagens de apreço e agradecimento pelos momentos agradáveis que — estamos certos — virá proporcionar aos nossos leitores.

HOMENAGENS

ao Prof. Dr. Eloy do Amaral e Justiniano Gouveia

Tendo-se prestado homenagens no domingo, 26, e segunda-feira, dia 27, a estas duas figuras ilustres do nosso meio, e dada a circunstância do nosso semanário efectuar habitualmente a organização do original da página de Montijo às segundas feiras, não nos foi possível incluir na última semana o noticiário relativo a esses dois honrosos acontecimentos da vida montijense, devido à escassez de

espaço e à inclusão da nota oficiosa dimanada da Delegação do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, relativo à cessação de trabalho do passado dia 1 do corrente (Dia de Todos os Santos).

Dessa falta involuntária somos a pedir desculpa aos distintos homenageados e aos promotores dessas jubilosas consagrações.

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 7, completou 46 anos o nosso estimado assinante, sr. José António Araújo, do Afonsoeiro.

— No dia 10, a menina Maria Luélia Gouveia da Silva, neta do nosso dedicado assinante, sr. Eduardo Sequeira da Silva.

— No dia 10, a menina Eunice Regina Bastos da Silva, filha do nosso prezado assinante, sr. Norberto José da Silva.

— No dia 10, a menina Ilda Maria Baliza Calado, filha do nosso dedicado assinante, sr. António Maria Calado.

— No dia 11, a menina Ana Rita da Costa Cartaxo, filha do nosso prezado assinante, sr. José Maria Cartaxo.

— No dia 12, o menino José Jorge Gomes Tavares de Almeida, neto do nosso estimado assinante, sr. José Tavares de Almeida, residente em Lisboa.

— No dia 13, a menina Maria Guiomar Nogueira Rebelo, filha do nosso dedicado assinante, sr. José Joaquim Rebelo.

— No dia 13, o sr. Anselmo António José Marques, nosso estimado assinante.

— No dia 13, a menina Maria Diamantina de Jesus Vicente, sobrinha da nossa dedicada assinante, sr.^a D. Joana Vicente da Silva.

— No dia 13, completa o seu 9.^o aniversário o menino António João Ferreira Crespo, filho do nosso prezado assinante, sr. José António Crespo de Almeida.

— No dia 14, o nosso estimado assinante, sr. José Maria Ferreira.

— No dia 14, a sr.^a D. Maria de Lourdes Gonçalves Catalim, esposa do industrial de alfaiataria desta vila, sr. Alirio da Costa Catalim.

A todos os aniversariantes e suas famílias, endereçamos as nossas felicitações.

Interesses do Afonsoeiro

Fomos procurados na semana finda por alguns moradores vizinhos do Casal de Manuel Raposo, das ruas G (antiga n.º 2) e n.º 4, por serem impedidas as suas vias de comunicação por dentro da localidade e com a Estrada Nacional, o que dificulta sobretudo a suas actividades profissionais, sob vários aspectos.

Um dos comissionados, sr. Manuel Jorge Tavares, — uma das pessoas que mais tem contribuído para a valorização estética daquele moderno bairro —, fez igualmente uma exposição ao sr. Presidente do nosso Município, pedindo o seu valioso concurso junto das entidades competentes, de modo a obter-se a rápida solução desse magno problema, que está ligado aos valiosos interesses dos habitantes daquela atraente zona do Afonsoeiro.

Por julgarmos plausíveis as pretensões dos seus habitantes, fazemo-nos intérpretes dos seus justos pedidos, na convicção de que sua ex.^a atenderá na medida de todo o possível aos anseios dos petionários.

Massagem (método sueco)
Sudação (com moderna aparelhagem)
Duches — Biosol

INSTITUTO DE RECUPERAÇÃO

Para mais saúde e melhor estética

R. D. Felipa de Vilhena, 6 - 1.^o - Dt.^o
Telefone 44232 LISBOA

MONTIJO

DIA DE FINADOS

2-1-1958

Mais uma data saudosa ocorreu há dias, que converteu o campo sagrado do nosso cemitério municipal, num viveiro florido sobre quase todos os covais e campas ali existentes.

Desde sábado antecedente começaram a afluir aquele local inúmeras pessoas conduzindo profusão de flores, que juncaram aqueles canteiros onde repousam os seus entes queridos.

No dia de domingo em que ali estivemos de visita, apreciamos o estado de irrepreensível aceio em que se encontra todo o cemitério, pelo que temos a dar esta nota de apreço pelos cuidados dispensados pelo nosso Município e, bem assim pelas pessoas a cargo de quem estão confiados os trabalhos de conservação daquele recinto de igualdade, perante a Morte.

É igualmente digna de referência especial a cordura e compostura dos pedintes que ali aguardavam os óculos dos visitantes, sob a vigilância da autoridade ali presente.

«Matinée» Dançante de «O PALMEIRAS»

Clube M. de Desportos

Integrada na sua temporada de Inverno o Clube Montijense de Desportos efectua no próximo domingo, dia 9, às 17,30 horas, no Salão de Festas do Café Portugal, desta vila, uma nova «matinée» dançante, que será abrilhantada pela categorizada Orquestra «Eldorado», de Montijo.

A exemplo do que se verificou no domingo, 26 do mês findo, é de esperar que esta nova festa decorra muito animada e com numerosa assistência, pelo que auguramos os melhores êxitos aos seus realizadores.

Banda Democrática 2 de Janeiro

Efectua-se no salão de festas desta colectividade, no próximo domingo, dia 9, pelas 21 horas, uma nova «soirée», cujo baile será abrilhantado pela acreditada «Orquestra Royal Melody», de Sarilhos Grandes, o qual deve ser bastante concorrido, dado o interesse já existente entre a sua massa associativa e respectivas famílias.

Tertúlia T. de Montijo

Realiza esta honrosa colectividade no próximo domingo, pelas 21,30 horas, na sua Sala Augusto Gomes Júnior, — evocação duma figura brilhante da nossa terra — um interessante baile em «soirée», a qual será abrilhantada pela categorizada «Orquestra Eldorado», pelo que é de esperar a presença de numerosos sócios e suas famílias.

Grémio dos Retalhistas de Merceria do Sul

Na primeira quinzena deste mês, nos 108 concelhos dos distritos de Lisboa, Santarém, Portalegre, Setúbal, Évora, Beja e Faro, reunir-se-ão as respectivas secções concelhias da Assembleia Geral do G. R. M. S., constituídas por todos os agremiados no pleno gozo dos seus direitos.

Cada uma dessas secções elegerá um representante concelhio. Os representantes concelhios reunir-se-ão na segunda quinzena do mesmo mês, nas sedes das respectivas regiões económicas (portanto, em todas as sedes de distrito indicadas e ainda em Tomar e Estremoz), a fim de elegerem os membros do Conselho Geral.

Joaquim da Silva Mascarenhas Agradecimento

Maria Antónia dos Santos Mascarenhas e mais família, agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que se interessaram pela doença do seu saudoso extinto e que o acompanharam à sua última morada.

Sociedade Recreativa Progresso Afonsoeirense

Esta prestimosa agremiação recreativa do vizinho bairro do Afonsoeiro, efectua no próximo domingo, dia 9, uma surpreendente «soirée», com início às 21 horas, para a realização do seu «Baile do Outono», a qual servirá para a exibição dum valioso número, que por ser inédito naquela colectividade, já está despertando grande interesse da sua massa associativa e respectivas famílias.

Toma parte neste «soirée» a consagrada Orquestra Típica «Os Vencedores», de Rio Frio.

Excursão a Espanha e Tânger de 19 a 26 de Abril de 1959 organizada pelo Ateneu Popular de Montijo

Por ocasião da afamada Feira de Sevilha, com visita a Badajoz, Sevilha, Jerez de la Frontera e Tânger, realiza nestes dias o prestimoso Ateneu Popular de Montijo, uma magnífica excursão de oito dias, mediante a importância de Esc. 490\$00, com facilidades de pagamentos semanais.

Para inscrições e quaisquer informações, poderão as pessoas interessadas dirigir-se à Secretaria do Ateneu Popular de Montijo, — Praça da República, 7, - A - 2.^o andar; Papelaria Alvatília, Rua João Pedro Iça e à casa comercial de João Veiga Serra, Rua Bulhão Pato, 84, desta vila.

Explicador

— 1.^o e 2.^o ciclo.
Av. João de Deus, 53 — MONTIJO.

Peste Aviária * Peste Porcina Higiene Rural

Resultados assegurados com
ANTIGERMINA

Pedidos de informações a
PROQUIFARMA, LDA.
Rua de Campolide, 29-B
Telef. 685071 LISBOA

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

- 5.^a feira, 6 — Montepio
- 6.^a feira, 7 — Moderna
- Sábado, 8 — Higiene
- Domingo, 9 — Diogo
- 2.^a feira, 10 — Giraldes
- 3.^a feira, 11 — Montepio
- 4.^a feira, 12 — Moderna

Boletim Religioso Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

5.^a feira, 6 — às 8, 8,30, e 9 h.;
às 17,30 h., Ofício de Defuntos.
6.^a feira, 7 — às 9; 9,30 e 18 h.
Sábado, 8 — às 8; 8,30 e 9 h.
Domingo, 9 — às 8 h. na Igreja da Misericórdia; às 10; 11,30; 18 h. e às 17,30 h. (Terço e Bênção), na Igreja Paroquial; às 9 h. na Capela do Afonsoeiro e às 11,30 h. no Santuário da Atalaia.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21 h.

Sextas-feiras — Reunião de Oração às 21 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucaristia Sagrada Comunhão

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A - Montijo.

Domingos: — Escola Dominical, às 11,30 h.; Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Quintas-feiras: — Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

5.^a feira, 6; (Para 17 anos) O famoso filme da Metro com Van Johnson e Martine Carol: «Uma Aventura no Mediterrâneo». Colorido e em Cinemascope.

Sábado, 8; (Para 17 anos) O filme de aventuras e ficção: «O Escorpião Negro»; e o filme musical colorido com Jene Nelson e Doris Day: «Ritmos da Broadway».

Domingo, 9; (Para 17 anos) Matinée às 15,30 h. - Soirée às 21,15 h. O maravilhoso filme em Cinemascope com Marlon Brando: «O Baile dos Malditos».

2.^a feira, 10; A's 18 horas (6 da tarde), *matinée infantil* com o grande filme em Cinemascope: «O Rapaz e o Touro».

3.^a feira, 11; (Para 17 anos) Um drama italiano de excepcional categoria: «Os Trapeiros de Emmaús»; e o filme de aventuras com Victor Mature: «Véus de Bagdad».

Vende-se

— VESPA, barata e em ótimo estado.
Informa nesta Redacção.

JAZIGO

VENDE-SE

Trata: José Galvão Moura
R. José Joaq. Marques, 81

MONTIJO

FINALMENTE Montijo, pelas pessoas dos componentes das velhas revistas teatrais, deram uma pávida ideia da homenagem a que Justiniano Gouveia tem direito na sua terra, pelo muito que tem feito, não só em obra de vulto, como soi dizer-se; mas em muitas obras dispersas, individual e colectivamente.

Em boa hora, João Salinas, Manuel Cola, José Estêvão, Luís Areia e Adriano Leiria, coadjuvados pelas sr.^{as} D. Rosalina Carvalho e D. Maria Fernanda Baldrico Ferreira, tiveram essa feliz ideia, pois assim o homenageado viu-se rodeado dos seus «pupilos», dos «seus rapazes e raparigas» — (alguns já avós) — que emprestaram ao repasto o ambiente de camaradagem e confraternização que Justiniano Gouveia desejava, mas que a Comissão contrariou, admitindo também aqueles amigos que ele possui e não quizeram, de forma alguma, deixar de associar-se a tão justa consagração!

Sim, porque Justiniano Gouveia, o sempre «velho-jovem», como já é lugar comum, teve a sua consagração naquele jantar e que se maior não foi deve-se, certamente, à qualidade da homenagem, a qual impediu que os humildes, que lhe dedicam também o seu afecto, pudessem comparecer!

Mas os vários oradores bem patentearam, em seus discursos, pois todos, com maior ou menor verbosidade, com maior ou menor eloquência, puzeram nas suas palavras a tradução límpida do seu coração e alguns até, o sentir daqueles que a sua situação económica, ou separação, os impediram de estarem presentes.

De notar a presença de antigos amadores, como D. Herminia Cardoso Rodrigues, D. Rita Futre Calado, srs. António Rosado e Virgílio Cardeira, que se deslocaram das terras da sua residência para estarem com os seus companheiros de outrora naquela *confraternização* com o seu ensaiador!

E quantos telegramas, quantas cartas, de Luanda, Coimbra, Portalegre, Estoril, Lisboa, etc., etc., repassados de saudismo, uns; de nostalgia, outros; mas todos como viva demonstração da simpatia que o «nosso amigo Justiniano» a todos merece; e como ele bem sentiu esse «ambiente», essa simpatia, ao ouvir a sua leitura e a que não faltaram também as dos seus outros amigos, com realce para uma interessante carta

HOMENAGEM A JUSTINIANO GOUVEIA

do eminente Professor Francisco Gentil, um também «velho-jovem» como o seu amigo, que desta maneira se quis associar à homenagem, e um cativante ofício da Direcção da Sociedade Filarmonica 1.º de Dezembro.

Quando desejaríamos trazer a esta reportagem os nomes daqueles que deliciaram três gerações e ali se encontravam! Mas nem o espaço, nem a paciência dos nossos leitores tal o permitem, e limitamo-nos, como homenagem também, a todos eles, envolvê-los num aceno de simpatia desde José Cardeira, o mais venerando amador da revista «Coisas da Nossa Terra» até ao «miositi» de «Festa Rija», D. Maria Fernanda Baldrico Ferreira!

E foi neste ambiente de «família e ternura» que Jus-

tiniano Gouveia se «viu envolvido» durante três horas e que foi culminado no final com a devida consagração feita pelos oradores: José Estêvão, que em nome da Comissão organizadora disse das razões de tal homenagem, terminando por ofertar em nome dos 143, *rapazes e raparigas*, uma placa comemorativa da homenagem e simultaneamente, as senhoras da comissão ofereceram a sua estremosa esposa um lindo ramo de cravos vermelhos.

Em seguida usaram da palavra, os srs. Manuel Giraldes da Silva, António Rosado, em nome dos autores da revista «So d'Oculos», Manuel Rodrigues Futre, pela Banda Democrática 2 de Janeiro, em nome de quem fez oferta duma caixa de charutos, envolvida pelas cores da colectividade, José

Machado, José Júlio Valério Rodrigues e Joaquim José Lucas, antigos componentes das revistas, Manuel Lino, Alves Gago, digno Director do nosso confrade «Gazeta do Sul» e Álvaro Valente.

E todos falaram de Justiniano Gouveia, com carinho, com amizade, contando-se episódios da sua vida, quer como actor, cavaleiro, ensaiador, benemérito e até... da sua vida boémia muito conhecida entre todos nós!

E... por último Justiniano Gouveia, levantou-se e... contra o que é hábito, nada disse senão um «MUITO OBRIGADO», as suas palavras quase se não ouviu abafadas como foram por uma quente e simpática ovação!

E assim terminou uma festa justíssima e que de há muito Justiniano Gouveia, o homem que não diz «não» a ninguém, estava credor, e se o povo, — aquele povo que ele respeita e ajuda, quando dele se acerca, — não estava presente, tinham a representá-lo o Presidente da Sua Câmara que à homenagem assistiu não só nessa qualidade, como também na de amigo particular do homenageado.

HOMENAGEM AO

Prof. Dr. Eloy do Amaral

Como o nosso jornal oportunamente se fez eco, efectuou-se no penúltimo domingo, dia 26, no Café-Bar do Cinema Teatro Joaquim d'Almeida, desta vila, o almoço de homenagem promovido por uma comissão de antigos e actuais alunos do Externato do Sagrado Coração de Jesus, ao digno Prof. Dr. Eloy do Amaral, ilustre escritor e poeta, que há mais de cinquenta anos vem exercendo uma prestigiosa carreira no ensino secundário, através de assinalável actividade, não só em Montijo, Setúbal, Figueira da Foz, como também em várias outras terras do País.

A essa homenagem associaram-se muitos outros estudantes e suas famílias, no propósito de manifestarem ao venerando pedagogo a sua gratidão e o testemunho de muito apreço pelas suas brilhantes faculdades intelectuais e morais.

Foram lidas inúmeras cartas e telegramas de felicitações ao homenageado, alguns deles de antigos discípulos do prof. sr. Dr. Eloy do Amaral.

Os promotores da homenagem, a sr.^a prof.^a D. Ana Maria da Conceição Ferreira, directora do aludido Colégio, em que o homenageado exerce o seu magistério, e outras pessoas em destaque nesta vila, e entre elas o rev.^o padre Manuel Gonçalves dos Santos, professor de Moral do aludido Externato, usaram da palavra para confirmarem a sua adesão à homenagem prestada, porquanto o prof. Dr. Eloy do Amaral tem desenvolvido acção educativa tão valiosa, que ela bem merece do agrado decimento de toda a população montijense. Nesta homenagem, foi igualmente saudada a ilustre família do respeitável ancião.

Fizeram-se representar os srs. António Medina Júnior, digno director do nosso confrade «Jornal de Sintra» e o prof. António Victor Guerra, ilustre director do Museu e da Biblioteca Municipais da Figueira da Foz, — pelo sr. Aníbal Correia de Matos, redactor daquele semanário, — que usando da palavra focou a prestante obra pedagógica e cultural exercida pelo homenageado na linda cidade — Rainha das Praias de Portugal.

No final o homenageado recebeu lindos ramos de flores e foi carinhosamente abraçado.

«A Província» apresenta igualmente os seus cumprimentos ao sr. Prof. Dr. Eloy do Amaral, com ardentes votos de felicidades pessoais e de sua ilustre família.

Visado pela Censura

MUITOS



MWM DIESEL

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO
E EM GRUPOS AUXILIARES EM

MONTIJO

BACALHOEIROS

CARGUEIROS, ARRASTÕES

REBOCADORES E BARCOS
DE PILOTOS

EMBARCAÇÕES FLUVIAIS
DE PASSAGEIROS

TRINEIRAS DE

TODOS OS TIPOS

VELETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA
DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS

J. WIMMER & CO., LISBOA

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
ORÇAMENTOS

Mosaicos

(Continuação da primeira página)

vai ser criado na América do Norte um museu constituído por 70 cópias fidelíssimas dos quadros de El Greco, devidas aos hábeis pinéis do pintor espanhol Juan Albert.

Estas admiráveis réplicas da obra excelsa do pintor cretense — avaliadas em 300.000 dólares! — não de constituir, realmente, um interessante museu para satisfazer a curiosidade dos homens no Novo Mundo.

Todavia, El Greco — o espírito daquele grego genial do «Espólio» ou do «Enterro do Conde d'Orgaz», — continuará intransportável do seu lar de Espanha, e só em Toledo se poderá sentir o vero ambiente que bastante contribuiria para dar à obra de El Greco aquela expressão estranha, torturada — e justificar os arroubos do seu misticismo, quase lancinante.

As réplicas do hábil Juan Albert, essas, por mais hábeis que se mostrem, por

maior rigor científico que tenha sido posto na análise dos processos usados por El Greco e agora repetidos, hão-de ser sempre imagens mortas duma coisa viva! — duma obra palpitante de espiritualidade e portadora de certo indizível... — porque a obra de arte, precisamente por ser fruto, impar, dum momento alto do poder criador do homem, não se poderá decalcar ou repetir jamais!

** «Os simples exercícios atléticos — dizia Platão — desenvolvem, por um lado apenas, as aptidões do indivíduo».

«Não queremos — acrescentava — um povo apenas de ganhadores de prémios de luta ou de lançamento do disco. Talvez a música resolva o nosso problema; as almas, por meio dela, adquiram harmonia e ritmo, e, até mesmo, certa propensão para a justiça».

António Garcez da Silva

A economia moderna e o exemplo de Sagres

(Continuação da primeira página)

molde holandês, ou dinamarguês, como marco expressivo de que também nós desejamos «descobrir» a fórmula correcta de uma agricultura evoluída que não temos.

É justo assinalar aqui que foram os povos nórdicos dos que maior proveito tiraram do esforço científico, heróico, industrial e agrícola das navegações portuguesas. Pela ocupação, pelo esbulho ou pelo acordo muito se serviram das ideias económicas do Infante.

Os conceitos de aproveitamento da terra, a sua valorização e produtividade mercê, principalmente, da hidráulica agrícola, estão bem além do que então se imaginava. E o Alentejo está por descobrir para as culturas ricas.

Em 1957, a produção média anual de açúcar das Ilhas

e do Ultramar era de 170.941 toneladas. Só a importação do Continente era em 1957 de 116.996 toneladas.

Contudo, pelo Relatório Final Preparatório, do II Plano de Fomento sabe-se que o déficit da produção interna de açúcar em relação ao consumo em 1964 será de 154.100 toneladas. Isto, é claro, sem contar com o incremento das indústrias docceiras, sumos, frutas cristalizadas, melaços, etc.

Continuaremos a importar do Estrangeiro a grande maioria do açúcar que carecemos? Não descobriremos forma de nos autoabastecer honrada e civilizadamente? É isso que nós impõe a memória e originalidade económica do Infante de Sagres.

Armando Boaventura

De «O Setubalense»

O V Centen.º do Nascimento da Rainha D. Leonor

(Continuação da página 2)

Estudantes da Universidade de Coimbra.

Dia 6 de Dezembro — Sessão de trabalhos do Congresso e inauguração da Exposição Evocativa da Vida e Obra da Rainha D. Leonor, no Convento de Madre Deus, que a Fundação Calouste Gulbenkian promove e organiza com grande generosidade e alto nível artístico.

Neste mesmo dia à noite far-se-á o encerramento do Congresso.

Em datas a fixar realizar-se-ão ainda neste mês os seguintes actos comemorativos:

Em Goa — Uma delegação das Misericórdias da Metrópole fará a entrega da nova bandeira oferecida à Misericórdia daquela distância (mas espiritualmente tão próxima) parcela da Pátria portuguesa.

Em Beja — Terra natal da Rainha D. Leonor, — inauguração de uma estátua, de bronze, que está a esculpir o escultor Alvaro de Brée.

No Porto — Em fins de Dezembro, repetição na velha Casa do Despacho, da Misericórdia, à Rua das Flores, de grande parte da exposição da Madre Deus. Encerramento das comemorações.

No Brasil — Uma delegação das Misericórdias portuguesas fará oferta à Misericórdia de Santos de uma cópia dum antigo retrato da Rainha D. Leonor. Estão previstas, no Brasil, cerimónias, além de em Santos, no Rio de Janeiro, S. Paulo, e Baía.

Conta ainda a Misericórdia de Lisboa inaugurar, dentro do ciclo das comemorações, as novas e actualizadas enfermarias para crianças lactantes, no Hospital de S. Roque, e lançar a primeira pedra do Centro de Reabilitação de Diminuídos, novo hospital especializado, para cerca de 300 leitos, que vai ser construído em Alcoitão, no concelho de Cascais, e para o qual estão a especializar se, nos Estados Unidos, médicos e pessoal auxiliar.

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 3

Como já devem ter tido ocasião de observar, o meu amigo Zacarias é um inconformista lerrenho perante tudo que não esteja dentro da lógica normal de factos assegurados. Amante do belo, em todas as suas cambiantes, tem sido um lutador inquebrantável contra tudo o que não esteja dentro das mais elementares regras da moral.

Na rua, no café, em casa, Zacarias tem sempre um comentário, mais ou menos azedo, contra tudo o que fuja às arestas do seu prisma de aceitação. Habitúamo-nos, há muito, aos seus desabalos, aos seus comentários e às suas opiniões, talvez isentas de qualquer parcela de filosofia, mas, contudo, plenas de bom-senso.

Há dias, fomos dar com ele a ler o jornal, na habitual mesa do café onde nunca deixa de ir beber a sua «bica» diária, depois do almoço.

Quando nos viu, Zacarias pousou o jornal ao lado, fez-nos sentar à sua frente e começou:

— Tu podes acusar-me, e com certa razão, de recair no lugar-comum... Sim, creio que terias razão para o fazer... Mas que queres? Tudo se conjuga, afinal, para me provocar o riso. Um triste riso, bem sei... um riso de dó e compaixão por esta pobre Humanidade de que fazemos parte e que caminha, a passos largos, para um fim que facilmente se adivinha...

Interrompendo-se, Zacarias olhou à sua volta, abrangendo num olhar fugaz, as pessoas que se encontravam no café:

— Vês tu? Às vezes, dá-me pena olhar para esta gente. Talvez tu não compreendas por quê... e eu não perco tempo a explicarte. Tu e as tuas literaturas estão longe de entender um determinado número de coisas. Não quero dizer que tu não tenhas também o sentido do ridículo e do inconcebível... Mas talvez não vejas as coisas pelo mesmo prisma. Que queres tu? É, afinal, questão de sensibilidade. Aquela sensibilidade que nós não podemos dominar e que nos acompanha desde o nosso primeiro vagido...

Zacarias fez uma pausa, para logo continuar:

Tu tens lido, decerto, as notícias que os jornais têm publicado acerca dessa vergonhosa questão de desintegração racial na América... Na realidade, a América é um país grande em tudo... até nas coisas que fogem à mais elementar lógica... Realmente, na era de civilização e progresso que atravessamos — eu por mim, não estou muito de acordo — torna-se inadmissível que os homens lutem uns contra os outros, ape-

nas porque a sua pele não tem a mesma cor... É lamentável, de facto, indigno do género humano que não se atente, lógica e racionalmente, que cada um tem a cor que tem, porque Deus assim o entendeu... Uns são brancos e outros são pretos e ninguém tem culpa disso... O que não se pode admitir, desde que se tenha cá dentro uma parcela de bom-senso e de espírito de humanidade, é que os brancos, lá porque são brancos, se ponham a maltratar os negros... porque são negros...

Zacarias acendeu um cigarro e puxou algumas fumaças. Depois, continuou, no mesmo tom de voz:

— É, de qualquer forma, um símbolo do atraso mental e espiritual duma nação que pretende dar meças de civilização... Em resumo, um descalabro moral, que de maneira nenhuma se justifica na nossa era...

Os olhos do Zacarias tinham, agora, um brilho diferente, um brilho que raramente lhe via:

— Pois bem... Segundo uma notícia que acabo de ler no jornal, o assunto em breve não terá razão de provocar a celeuma que até aqui tem provocado... A notícia, baseada nas declarações dum tal Dr. Morris Fishbein, dá-nos conta de que, num futuro mais ou menos próximo, o homem poderá escolher a cor que mais lhe agrade para a pigmentação da sua pele... Fala-se nas investigações que cientistas estão levando a cabo acerca das hormonas que estimulam as células produtoras dos pigmentos... e garante-se, com mais ou menos convicção, que o homem, em breve, estará apto a escolher a cor da pele que mais lhe agrade...

Zacarias olhou-nos com um olhar francamente irónico, um olhar que traduzia pensamentos difíceis de discernir:

— E pronto, meu rapaz. O assunto está arrumado por natureza... Dentro de meia dúzia de anos, deixarão de haver as questões raciais, porque os homens terão a cor que mais lhes agrada e ninguém terá nada com isso... É certamente não nos causará espanto de maior, cruzar-mos na rua com indivíduos vermelhos,

castanhos, azuis, cor de rosa — aliás, cor muito a propósito para certos meninos que por aí andam... — e outras cores mais ou menos berrantes, não falando naqueles que preferirão ter a pele com as sete cores do arco iris... No caso sentimental, os apaixonados deixarão de preocupar-se com os pormenores que hoje os atormentam, para atentarem nas cores que preferem para as suas conquistas. E não raro será ouvir-se diálogos mais ou menos como este, entre aqueles basbaques que vulgarmente encontramos pulindo as paredes dos cafés do Chiado:

«— Que linda garota!»

«— Realmente, muito interessante. Pena não ser verde-ervilha... Sabes, é a minha cor preferida...»

Zacarias esmagou o cigarro no cinzeiro. Depois, os seus olhos espraíram-se pelo café e, finalmente, voltaram a pousar-se em mim:

— Em suma, triste sinal dos tempos que vão correndo... e que, cada vez, correm mais depressa para um mar de águas estagnadas...

Entretanto, os homens vão-se degladiando uns aos outros, só porque a Natureza os dotou de pele com cores diferentes... Deixá-los lá matar-se, que nós não temos nada com isso... É que venham as tais cores à escolha, para que cada um tenha a coloração de pele que mais lhe agrade... Quanto a mim, contra tudo e contra todos, vou preferindo as morenas, que afinal as morenas são o símbolo da verdadeira raça portuguesa... O resto... o resto é conversa!...

Acróstico

Vi uma estrela brilhante,
Ir correndo no firmamento;
Rezei, pedi soluçante:
Guiasse o meu pensamento.

Imensa foi minha dor,
Longe de si, meu Senhor;
Infinita entre nós a distância,
O destino perverso e ganância.

(Montijo)

VIOLETA

SANFER, L.ª D.ª

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
MONTIJO, Rua da Bela Vista
AEROMOTOR SANFER o moínho que resistiu ao ciclone — FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Basquetebol

O Montijo venceu dificilmente o Vitória de Setúbal
Montijo, 49 - Vitória, 47

Jogo realizado no Campo do Parque, a contar para o Campeonato regional.

As equipas apresentaram as seguintes formações:

MONTIJO: — José Maria (16), Américo, Teodomiro (9), Ribeiro (2), Adriano Lucas (5), Elisiário (2), Tomás (15) e Heitor.

VITÓRIA: — Farinha (7), Guerreiro (5), Faria (21), Santana, Marcelino (1), A. Sampaio (ex-Atlético), (13), Humberto e Manique.

A arbitragem esteve a cargo dos srs. João Máximo e Hermínio Castro.

Não nos enganámos, quando na crónica anterior afirmámos, que o basquetebol no nosso distrito está em fraco progresso e para o confirmar, basta verificarmos a melhoria

existente na equipa do Vitória, que agora nos visitou, em comparação com a da época passada.

Em virtude do Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol ter aprovado o ingresso dos três primeiros classificados do Campeonato Regional de Setúbal no Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, levou o torneio desta época a ser disputado com grande entusiasmo por todos os seus concorrentes, porque todos têm o maior desejo de chegarem à divisão maior.

Como os valores das equipas são relativamente muito iguais (excluindo o Barreirense, claro está), a luta entre os outros clubes tem-se revestido de grande expectativa,

como seja esta partida: — Montijo-Vitória.

Este jogo desenrolou-se perante numerosa assistência, entre a qual se encontrava o ex.º sr. José da Silva Leite, ilustre presidente do nosso Município, — a quem se deve a construção do novo recinto para a prática do basquetebol, — no Campo «Luís Almeida Fidalgo» — que, com a sua honrosa presença veio confirmar, a par das suas brilhantes qualidades de cidadão, que também é um bom desportista.

O jogo principiou em bom andamento, demonstrando o Montijo acentuada superioridade em toda a primeira parte, chegando ao intervalo com o resultado favorável de 30-24.

Na segunda parte o jogo decaiu bastante, vendo-se os jogadores montijenses a jogar precipitadamente, sem descortinar-mos o motivo de tão estranho procedimento, pois a equipa estava a ganhar.

O Montijo nos últimos minutos de jogo ia perdendo a partida, pois os seus componentes, tal como os do Mundet no domingo anterior, não souberam reter a bola para passar o tempo, quando tinham um resultado de seis pontos a seu favor.

Assim terminou o prélio com a equipa da «casa», a vencer o antagonista, por uns escassos dois pontos ou seja um cesto.

Nos primeiros momentos do encontro, esteve actuando com certa evidência o jogador Teodomiro.

A arbitragem dos srs. João Máximo e Hermínio Castro, foi muito diferente da última que vimos fazer no jogo com o Luso e podemos mesmo classificá-la de excelente; mas isso não é o suficiente para concordarmos que a Comissão de Arbitros nos envie duas vezes seguidas a mesma dupla de juizes, para prestarem serviço no campo do mesmo Clube.

Achamos que este problema da Comissão é de fácil resolução e oxalá que o resolvam.

No próximo domingo, 9, o Montijo desloca-se ao Barreiro, onde vai defrontar a turma dos campeões nacionais: o Barreirense Futebol Clube.

José Rosa

LEIA, ASSINE E DIVULGUE:

«A PROVINCIA»

TAUROMAQUIA

Luis Alegria

Um novilheiro montijense

em terras de
ESPANHA



Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Juventude, 0 - Montijo, 2

A equipa mais estruturada ganhou os dois pontos

Jogo no campo «Sanches de Miranda», em Évora.

As equipas alinharam, como segue:

JUVENTUDE: — Varatojo; Canhão e Caraça II; Abegoaria, Casimiro e Castiglia; Caeiro, Ornelas, Viegas, Mira e Caraça I.

MONTIJO: — Redol; Mora e Barrigana; Veredas, Pinto e André; Barriga, Serralha, Rodrigues, José Paulo e Romeu.

Arbitro: — Raúl Martins, de Lisboa.

Marcadores: — Barriga e José Paulo.

Apesar de alinhar na sua máxima força a equipa do Juventude, de Évora, sossobrou ante o melhor conjunto do Desportivo de Montijo, tendo alinhado pelo Juventude Casimiro e Caeiro — este último que cumprira castigo aplicado pela Federação e o primeiro que alinhou pela primeira vez este ano —, mas que não comprometeu a sua equipa.

Perdidas duas oportunidades dos eborenses na primeira parte e tirando os últimos dez minutos, também do primeiro período regulamentar, pode-se dizer que a equipa da Cidade Museu pouco mais fez, que merecesse outro resultado.

Realmente neste período a turma local tomou ascendente sobre o Desportivo, mas como dissemos foi sol de pouca dura.

Após o primeiro tempo que terminou sem golos, os verde-amarcelos, demonstrando mais solidez como equipa, com mais ligação entre os seus sectores soube aproveitar-se da desorientada defesa local e marcar dois golos; o primeiro, aos 65 minutos por Barriga depois de Veredas marcar um castigo para a grande área eborenses, não conseguindo Varatojo anular o lance que deu ao extremo direito a possibilidade de poder marcar o primeiro golo da sua equipa.

José Paulo, aos 77 minutos, de cabeça, fixou o resultado do jogo.

O lance começou num lançamento do Montijo, falhando Casimiro a interceptação, o esférico foi apanhado por Rodrigues que cabeceando o enviou a José Paulo que concluiu vitoriosamente.

Quem viu este prélio pode fazer um conceito errado sobre o que observou e o resultado do jogo.

Aparentemente pode parecer que houve mais domínio territorial por parte dos eborenses, e, com efeito no primeiro tempo não andarão muito longe da verdade quem assim observar.

Mas os jogos não se ganham por ter a bola mais tempo em seu poder, sem saber o que lhe há-de fazer, sem lhe saber dar uma finalidade, a finalidade de golo.

Ora os 2-0 reflectem precisamente a diferença de capacidade rematadora e do consequente aproveitamento das oportunidades.

Os 2-0 reflectem a melhor estrutura dum Montijo que soube ser forte na defesa e mais eficaz no ataque.

A turma eborenses fallhou precisamente por demasiada ingenuidade na zona de remate e por atabalhoamento no sector defensivo.

O Desportivo foi sempre mais perigoso, mais rápido, e foi com desenvoltura que passava da defesa para o ataque, enleando a defesa adversária.

Nos Juventudistas pareceu-nos deslocado Ornelas, um médio, que jogou a interior, e Caeiro, que é sem dúvida um jogador do trio central de ataque.

Castiglia, Mira e Canhão foram os que melhor cumpriram pelos de Évora.

Pinto, Barriga e Rodrigues pelos de Montijo, foram os que mais se salientaram.

A equipa do Montijo esteve longe de ser brilhante, mas não há dúvida que mostrou ter a lição mais sabida e afirmou ser uma equipa organizada, sabendo tornejar o obstáculo que lhe valeu aqueles dois pontos.

Raúl Martins, o árbitro do desafio, teve boa nota no aspecto técnico, mas quanto a disciplinador deixou muito a desejar, pois mostrou falta de pulso, contemporizando demasiadamente com os jogadores.

Todavia tem desculpa, pelo excesso de nervos que alguns jogadores de ambas as equipas acusaram.

Não nos pareceu, contudo, influir no resultado.

Elisiário Joaquim Carvalho

Do Minho ao Guadiana

Canha

Rancho Folclórico Infantil

Um grupo de rapazes desta vila está interessado em criar através da Casa do Povo local, um Rancho Folclórico Infantil, o que possivelmente daria maior renome à mesma Instituição e a esta laboriosa povoação, adstrita à província do Ribatejo.

Aos seus organizadores dirigimos as nossas felicitações pela sua laudável iniciativa, com os nossos desejos de ver satisfeitas as suas aspirações.

Um aniversário festivo em Canha

Completaram na quinta-feira, 30 do mês findo, quarenta e seis anos de casados, a sr.ª D. Jesuína de Jesus e o sr. Albino Nunes Matilde, pais do nosso prezado assinante, sr. António Albino Matilde, todos residentes em Canha.

As nossas saudações, com os nossos votos de prosseguimento para as suas «bóndas de ouro».

(E.)

Grande Concurso de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 7, de 2-11-58 — Cupões entrados: 174

VENCEDORA: — D. Emilia da Silva, Rua Miguel Bombarda, n.º 37 — Montijo, que acertou em onze resultados, a quem compete o 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras, em estabelecimento à sua escolha.

Deserminação das classificações por concorrentes: 1 com 11 resultados certos; 12 com 10; 55 com 9; 69 com 8; 26 com 7; 9 com 6; 1 com 4; e 1 com 3 — TOTAL 174 cupões.

N. B. — Não foram considerados os cupões dos concorrentes, srs. Victor Manuel Ramos Peres e António Bento dos Santos, por terem sido metidos na nossa caixa de correio, depois das 12,30 h. de domingo passado, dia 2 do corrente.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 9

Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»

Domingo, 16-11-58

2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Chaves	Tirsense	Arroios	Sacavenense
Oliveirense	Peniche	Farense	Almada
Boavista	Marinhense	Oriental	Beja
Gil Vicente	Portalegre	Coruchense	Montijo
Vianense	Salgueiros	Serpa	Estoril
Espinho	Sanjoanense	Juventude	Olhanense
Leixões	Vila Real	Atlético	Portimonen.

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão
Caldas..... Cuf.....

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 9

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 16

É preciso firmar mais os laços de amizade que existem entre as colectividades de Cultura, Recreio, Desporto e Excursionistas. Esses laços, não se devem traduzir só em palavras buriladas de

PÁGINA DA MULHER

RECREIO E DESPORTO

A influência feminina na sua acção

sentimentos passageiros ou de poesia efémera, que se dizem ou escrevem por desfastio, ou prazer de ser-se agradável.

Se o homem vive na comunidade para cumprir as suas obrigações, ele deve ter qualidades de educação moral que o levem a ser útil ao seu semelhante, tratando tanto dos outros como de si próprio, seja qual for o credo que professe, e jámais prescindindo de prestar solidariedade a actos ou a obras que dignifiquem tudo quanto de belo se imagine. Se houver de acudir a um infortunio, para o diminuir, a uma discórdia, para a solver, a uma desdita social ou oficial, longe ou perto; não consolando o órfão, não socorrendo o inválido, não instruindo ou educando na escola, des preocupando-se das efêções, da generosidade e da beneficência, dedicando-se única e exclusivamente ao seu comodismo, é um ente iníquo, é um ente sem valor.

Tal não sucede, pois, no meio em que vivem as colectividades citadas, por isso que os seus militantes reconhecem tudo quanto de mais racional se apresente, visto que se dedicam, não à indiferença das coisas, mas ao estudo aturado pela aplicação sublime de resoluções que bastante conceito produzem.

Existe muita dedicação e seria necessário muita prosa, manifestando claramente o seu progressivo desenvolvimento, mercê daqueles que

POR -- RIBEIRO NUNES

as mantêm, auxiliando por todos os meios possíveis, até aos que lhes dispensam um acrisolado carinho paternal, como se fosse o seu próprio lar. Assim, ainda há que desviar algumas opiniões erradas sobre estas casas de recreio e desporto, a fim de que a ignorância, mãe perpétua das preocupações, seja de vez desterrada, porque nestes casos por mais claro e bem contestado que um facto se patenteie, fica sempre detrás dele o problema insondável da sua causa.

Bom é que os homens empreendedores não desalentem, e que se lembrem que a perseverança nas suas obras é a confirmação de felizes sucessos.

Num estudo, sobre a acção dos bombeiros portugueses, com Vieira Neves, demos à mulher o título de «bombeiro do lar», porque ela, na sua contínua missão de auxiliar o homem e de suavizar a existência, lhe dá o conforto dos seus carinhos, a par do estímulo, da abnegação e sacrifício; que nos apresenta, na obediência do cumprimento nobilitante de dona de casa e de fiel depositária da honra e prestígio do nome conjugal, um exemplo nobilitante.

A mulher, anjo carinhoso que suaviza as agruras da vida e torna agradáveis as horas de sofrimento, pela

magia das suas carícias e do seu coração, flor mimosa e aromática que no canteiro da vida se colhe, para regalo dos nossos mais secretos anseios e ilusões, é bem o sacrário que no lar se comove, chora e sente os desastres da vida alheia.

Há, pelo menos, na vida da mulher, três modalidades humanitárias que ela cumpre com o maior desvelo, abnegação e carinho, sempre voluntariamente, porque é a sua própria índole que a impele para tão difícil encargo!

A médica, a enfermeira e a ignorada criada dos hospitais ou casas de saúde. As simples e dedicadas enfermeiras de família! Quem há que seja capaz de prodigalizar tão carinhosos e ternos cuidados, como a mulher? Temos a mulher doméstica, o «anjo do lar», mães amantíssimas e sacrificadas, que largam tudo ao ver entrar casa dentro o marido ou os filhos, encharcados e cheios de fadiga, para os animarem e refrescarem com consolador banho e roupa enxuta, satisfeita pela presença dos seus entes mais queridos; e temos por fim, as jovens abnegadas das causas que são por bem. Quem não as conhece, percorrendo as ruas a solicitar um óbolo para as casas de assistência.

São elas, ainda, as animadoras e principais elementos de destaque das nossas festas, com o seu esforço e vivacidade dos seus gestos, nada lhes pesando, porque o seu pensamento está alheado do positivismo terreno para se elevar aos píncaros da sua sublime tarefa de fazer bem.

Mulheres de Portugal!

Vós que tendes o condão de serdes únicas na saudade, sentimento somente interpretado em Portugal, na cor da vida; vós que sabeis amar e sofrer com resignação evangélica; vós que sabeis sentir as dores cruciantes do próximo, como se vossas fossem; vós que na terra tendes a mais bela e humanitária missão, que é congregar os homens de todo o Mundo desavindos e horrendamente guerreados, será, por via das vossas mãos santificadas que se formará o polo pacificador em que a radiosa pomba irá bicar a União e a Paz do Mundo, pois se o berço dos vossos filhos, a enxerga dos vossos maridos e pais, por capricho de Deus, foi feito neste «jardim à beira mar plantado», nós e vós, devemos mantê-los e consagrar-lhes a maior dedicação, neste momento em que os homens,

Há pessoas que não guardam peles dentro de malas; deixam-nas em sítios em que se possam sacudir muitas vezes. Sendo possível fazê-lo, é um excelente processo, pois é raro as traças ataquem os objectos assim tratados.

CONSELHOS ÚTEIS

às nossas leitoras

O crochet está sujo?

Muitas pessoas que trabalham com «crochet», não conseguem conservá-lo limpo, de forma a poder servir sem ser lavado. A essas pessoas aconselha-se a proceder da seguinte maneira:

Ponha num alguidar, água quente à qual se junta uma colher das de sopa de borato, e mergulha-se nela o «crochet», conservando-o assim durante a noite. No dia seguinte é lavado como qualquer tecido, mas com água quente e sabão, ou qualquer pó agora em voga.

Passo o trabalho duas ou três vezes por água limpa e, por fim dá-se-lhe a última passagem em água levemente anilada (se o «crochet» é branco); em seguida puxa-se, com cuidado, para lhe dar a sua forma natural, mete-se entre duas toalhas de tecido liso, e passa-se a ferro antes de se pôr a secar.

Contra a «traça»

A sua roupa, quando embrulhada em jornais ou linho, nunca é atingida pela «TRAÇA», porque as substâncias de natureza fria repelam-na, por não servirem para ninho.

A «TRAÇA» tem aversão a certos cheiros, tais como cânfora, cravinho moído, naftalina, (bastante usual) sândalo e couro da Rússia.

Sabe como lavar seda crua?

Corta-se um bocado de sabão as tiras, deita-se sobre ele água a ferver e deixa-se estar durante uma noite, para formar uma espécie de geleia.

No dia a seguir, toma-se uma mão cheia desta pasta, deita-se em água morna e desfaz-se mexendo até fazer espuma.

Mete-se a seda no alguidar e esfrega-se novamente os sítios que estejam mais enxovalhados. Depois passa-se a peça de vestuário que está lavando por água fria onde se deitou um pouco de borato, espreme-se e seca-se o mais rapidamente possível, passando-se a ferro quando estiver perfeitamente seco, sem borrifar. Esta seda tem muito óleo natural, que mancha se o tecido tiver sítios húmidos.

Foto Cine Filme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos fotográficos

Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

ROSAS

A' minha querida Mãe,
Condessa de Lagos.

Rosas brancas ou rosadas,
Vermelhas ou amarelas,
São por mim idolatradas
Como flores das mais belas...

Não há mais linda moldura,
Para tudo emoldurar,
Têm uma graça e frescura
Difícil de igualar...

Em volta duma janela,
Num muro, num arrelvado,
Seja dobrada ou singela
Fica, tudo, ornamentado...

Humildes ou imponentes,
Nas suas cores radiosas,
Têm perfumes, rescentes,
Qualquer roseira, com rosas!...

María Amélia Soeiro da Costa de Cunha e Menezes
(Condessa de Lumiares)

CULINÁRIA

Coelho à Espanhola

Depois de preparado o coelho, coloca-se dentro da caçarola, tempera-se com sal, azeite fino, vinagre branco, bastante pimenta, folhas de loiro e alho; tapa-se a caçarola com uma folha de papel grosso e macio, põe-se a tampa e leva-se a lume brando até estar bem passado.

Comidas Salgadas

Se a comida está excessivamente salgada, estenda um pano sobre o

recipiente e polvilhe-o com uma colher de farinha. Deixe ficar durante uns minutos. A farinha absorverá o sal.

Aves a cozinhar

Sempre que tiver de cozinhar qualquer ave, convém matá-la e depená-la de véspera — não só a carne ficará mais tenra, como perderá o gosto a penas.

Doce de Nabo

A dois arrátéis de açúcar em ponto de espadana, deitam-se três quartas de amêndoa fora do lume. Ferve um pouco com a amêndoa e depois deita-se-lhe arrátel e meio de nabos, bem cozidos e pisados. Volta ao lume a ferver.

para sua própria vergonha, se degladiam num mundo desavindo.

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027